

projeto





MISSING
DATA!

InSolitus Urbanus: e s p a ç o s m e t a f í s i c o s

PAULO ANGERAMI

No início do ano de 2001, fui convidado pelo *Conjunto Cultural da Caixa*¹ para participar do *V Mês Internacional da Fotografia de São Paulo*. A proposta era montar uma exposição com algumas de minhas obras fotográficas e uma sala escura onde as pessoas pudessem interagir com uma câmera do tipo que uso: uma câmera de orifício.

A seguir apresento o projeto, que considerou os seguintes aspectos: a planta baixa, o esquema de montagem das obras - um díptico e um tríptico - e as respectivas imagens. A sala escura tinha um caráter pedagógico e não será abordada aqui.

INSOLITUS URBANUS

Desde 1992, fotografo com câmeras de orifício, câmeras sem lente que eu mesmo projeto e construo. Esse tipo de câmera oferece vários graus de liberdade para interferir nos parâmetros dessa mídia, no programa dessa caixa-preta. Essa interferência permite criar novos campos de pesquisa poética.

Após dois anos de experimentações e pesquisas, desenvolvi uma câmera para dar andamento a um projeto poético baseado em distorções e deformações do espaço urbano. Essa câmera, que chamo de Babininha, produz imagens suaves, mas com boa definição (câmeras de orifício não podem gerar imagens focalizadas), registra apenas objetos estáticos ou quase estáticos e produz grandes distorções geométricas.

1. O *Conjunto Cultural da Caixa* fica no terceiro andar do número 111 da Praça da Sé, em São Paulo.

Considerando apenas as distorções, um observador descuidado pode confundir a imagem com o produto de uma câmera grande-angular ou olho-de-peixe. Contudo, enquanto essas deformam a cena em todas as direções, a Bambininha deforma em apenas uma, mantendo a outra intacta.

Como resultado da associação dessas três características surgem imagens inquietantes que causam um estranhamento ao observador. Numa imagem podemos encontrar dois prédios tão deformados que no alto quase se beijam enquanto as casas, sólidas e perfeitas, repousam na parte inferior. Onde existe uma multidão apressada pode restar apenas essa arquitetura distorcida, e o espaço do nosso cotidiano, tão habitual, torna-se irreconhecível, estranho e insólito.

ESPAÇOS METAFÍSICOS

Não é raro surgirem elementos inesperados no trabalho. Resultado do acaso ou, simplesmente um imprevisto dentro de uma situação conscientemente elaborada, são elementos que muitas vezes trazem um novo vigor, indicam um caminho a explorar ou uma nova possibilidade poética. Muitas vezes esses elementos são difíceis de serem identificados e, por isso, é preciso prestar muita atenção ao próprio trabalho, observar as mudanças, sutis ou não, para perceber o que elas representam.

Uma dessas mudanças em meu percurso foi o desaparecimento das distorções acentuadas. A Bambininha, além das características da própria câmera, oferecia total liberdade de enquadramento. As imagens que antes eram quase sempre horizontais passaram a predominantemente verticais. E essas, por sua vez, foram olhando mais e mais para cima. Parece que buscavam o céu, o vazio, e descobriram matéria e vida além desse espaço de seres etéreos. Descobriram um espaço a ser explorado, uma nova poética.

Com esse movimento de câmera para o alto, surgiram objetos aparentemente fora do lugar. Um poste de iluminação pública que vem do céu, uma placa de rua de ponta-cabeça, três palmeiras que pairam misteriosamente sobre a Estação Júlio Prestes. Era o potencial da câmera que estava sendo levado ao limite. A deformação do próprio espaço sem corromper a aparência do objeto resulta no deslocamento dos mesmos. Dentro do imaginário das imagens técnicas (intermediadas por máquinas), essas carregam dentro de si uma realidade de difícil reconhecimento, simulam um conflito, provocam um estranhamento. Revelam espaços enigmáticos e transcendentais.

RELAÇÕES ESPACIAIS

Durante a busca pelo enquadramento existe uma relação física, corporal, do fotógrafo com a câmera e a cena a ser fotografada. Enquanto analiso a cena, procuro os objetos e observo cuidadosamente suas relações dentro da mesma. Desenvolve-se, nesse momento, uma dança.

Apesar de manifestar-se a cada foto, foi apenas recentemente que essa dança passou a representar um elemento importante, um dado que deveria aparecer no trabalho final. O observador deveria ser estimulado ou instigado a desenvolver uma relação física e espacial para poder fruir a obra.

Comecei, então, a desenvolver conjuntos de duas, três, ou mais imagens. São seqüências verticais captadas num espaço físico muito próximo e sempre com o horizonte na parte inferior. As obras deveriam envolver o observador de modo a forçá-lo a desenvolver algum tipo de deslocamento. Ao fazer ampliações com 1,2 x 1,6 m posicionar o horizonte próximo do nível dos olhos faz-se necessário um movimento de cabeça, vertical, para ver o alto da imagem e, montando a seqüência fora do plano, ou uma seqüência longa, faz-se necessário um movimento horizontal. Temos, assim, elementos que são muito semelhantes à performance natural de apreensão do espaço urbano. No entanto, esses espaços a que somos expostos são, ora contínuos, ora descontínuos conforme o percurso do nosso olhar.

Tomando como exemplo o tríptico *guarani*, situando-nos ao centro das três imagens, fazendo um giro sobre o nosso eixo vertical enquanto olhamos para frente encontramos um espaço que nos é habitual: o horizonte. Fazendo esse mesmo giro olhando para cima somos deslocados para outro espaço, um espaço estranho e incompatível com o anterior. É um espaço onde o "giro" remete a um "caminhar em torno".

Usando uma seqüência contínua de imagens e situando o horizonte próximo do nível dos olhos do espectador, este identifica um espaço natural, mas, com um movimento de cabeça para o alto, é exposto a um espaço estranho e incompatível com o anterior. Porém, o nosso processo de apreensão do espaço não é assim tão segmentado, é um processo dinâmico e o giro, por fim, não remete a dois espaços distintos, mas a um espaço desconhecido.

O PROJETO

Para a montagem, o *Conjunto Cultural da Caixa* dispunha de painéis quadrados com 1,6m de lado que poderiam ser pendurados em qualquer posição dentro

do espaço. As imagens foram centralizadas nesses painéis que ficariam suspensas 1,2 m do chão como indica o esquema na parte inferior da página ao lado. No alto apresento a planta baixa com a disposição das obras no espaço.

Mostras selecionadas

- 2001 Conjunto Cultural da Caixa – São Paulo – *InSólitus Urbanus – espaços metafísicos (Individual – V Mês Internacional da Fotografia)*
- 2000 XXVII Salão de Arte Contemporânea de Santo André – Santo André (*Coletiva*)
MIS – São Paulo – *Câmera de Orifício (Individual – Programa MIS de Fotografia)*
Bienal de Fotografia de Bauru (*Coletiva*)
- 1999 Centro Cultural São Paulo – São Paulo com *Câmera de Orifício (Individual)*
A Casa – São Paulo - Sonata Urbana para Câmera de Orifício (audiovisual apresentado durante o *IV Mês Internacional de Fotografia*)
- 1997 Espaço de Exposições Eugénie Villien, Faculdade Santa Marcelina – São Paulo – *Dentro e Fora (Individual)*
- 1994 - MAC / USP – São Paulo – *Visualidade Nascente IV (Coletiva)*
Centro de Comunicação e Arte do SENAC – São Paulo – *Seminário Internacional de Fotografia (Coletiva)*
- 1993 MAC / Curitiba - *50° Salão Paranaense (Coletiva)*

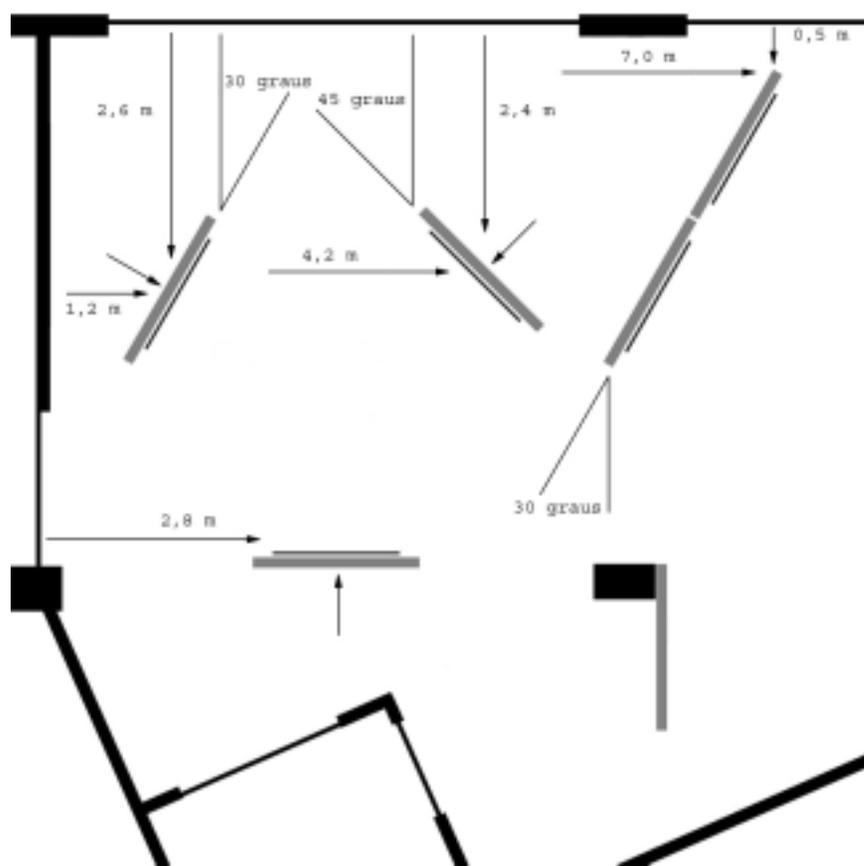
Prêmios

- 2000 Prêmio Aquisição: *XXVIII Salão de Arte Contemporânea de Santo André – Santo André*
- 1994 Prêmio Nascente – categoria: Artes Plásticas – USP – São Paulo
- 1993 Prêmio Estímulo para Ensaio Fotográfico – Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo – *In Solitus*

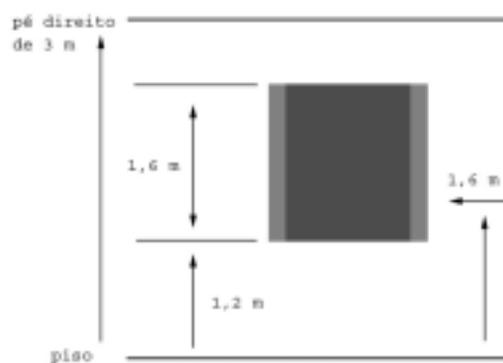
Obras em coleções públicas

- MIS - Museu da Imagem e do Som de São Paulo
Secretaria da Cultura do Município de Santo André

PAULO ANGERAMI, nascido em Palo Alto, Califórnia, 1963, é artista visual, com bacharelado em Artes Plásticas pela ECA-USP.



painel
imagem





Díptico: depois do banho, 2001.







Triptico: guarani, 2001.